

Educação estética e envelhecimento humano: o caso de Lurdes

Aesthetic education and human aging: Lurdes' case

Graciela Ormezzano*

Resumo

Este artigo fala do significado de uma vivência grupal para uma mulher adulta de sessenta e quatro anos, que participou de uma oficina de educação estética em um centro comunitário de Porto Alegre - RS. O principal objetivo do estudo foi evidenciar as transformações vividas pelos participantes nos seus aspectos psicoeducativos, compreendendo as relações entre a vivência estética e suas implicações no processo de desenvolvimento humano e ambiental. O desenho que revela o significado da oficina foi lido por meio da leitura transtextual singular de imagens, trazendo à tona elementos simbólicos e do imaginário. Foi possível observar que a educação estética permitiu à participante desenvolver a criatividade, o autoconhecimento e mudar a sua percepção de mundo.

Palavras-chave: educação estética, autoconhecimento, imaginário, criatividade.

Considerações iniciais

Esta investigação é um recorte de um estudo maior realizado com um grupo de nove pessoas num centro comunitário de um bairro da periferia de Porto Alegre - RS. Trata-se da necessidade de se voltar para a experiência inventiva com a finalidade de (re)descobrir a ação de educar e de educar-se sem perder de vista o sentido de inteireza. Em decorrência disso, a área temática do estudo está voltada para a compreensão das transformações no desenvolvimento da pessoa e do ambiente que uma vivência estética traz à tona, dimensionando o seu significado pela leitura imagística (ORMEZZANO, 2001).

Para esta experiência foi organizada uma oficina de educação estética na qual foram utilizados recursos artísticos, dentre os quais o desenho das imagens mentais, trazendo à tona aspectos da in-

* Doutora em Educação pela PUCRS, docente do Mestrado em Educação da Unesco e da UPF.

terioridade; a reciclagem de papel, com a intenção de reciclar os papéis sociais; a construção de máscaras, provocando o reconhecimento do outro (alteridade), e diversas atividades semelhantes, que permitiram uma outra visão sobre si mesmos e sobre a realidade sociocultural e do ambiente natural onde vivem.

O principal objetivo do estudo foi evidenciar as transformações vividas pelos participantes desta investigação nos seus aspectos psicoeducativos, compreendendo as relações entre a vivência estética e suas implicações no processo de desenvolvimento humano. Isso tudo para, de alguma maneira, tentar atingir o que muito apropriadamente expôs Bateson (1976) quando escreveu que a civilização, para ser “elevada”, precisava conter todo o necessário em instituições religiosas e educacionais que permitissem à população humana preservar a sabedoria necessária, oferecendo às pessoas satisfações físicas, estéticas e criativas.

A significação da oficina foi expressa num texto iconográfico (imagem-desenho), o qual foi lido pelos integrantes do grupo e, posteriormente, por mim, através da leitura transtextual singular de imagens. Essa leitura considera os elos entre matéria e energia. “A imagem viva que me atinge é o símbolo. No (inter)agir da consciência, o símbolo existe e oportuniza o conhecimento” (ORMEZZANO, 2001, p. 94).

Neste trabalho, exponho o caso da pessoa mais idosa do grupo. Posso dizer que a sua participação foi de grande valia para todos porque trouxe novas possibilidades de trocas generacionais,

inter-relações pessoais, respeito e amorosidade entre os componentes.

Quem é Lurdes?

O envelhecimento não inicia numa idade específica, mas considero aqui a idéia de Mosquera (1987), que, após a pesquisa de vários autores, propõe, aproximadamente, os sessenta e cinco anos de idade. Lurdes tem sessenta e quatro.

Lurdes é casada, tem três filhos adultos e seis netos. O relacionamento com o seu marido é difícil porque ele começou a beber em demasia após aposentar-se. Muito ligada aos filhos, aos netos, a seus doze irmãos e irmãs, nasceu na cidade de Passo Fundo - RS; hoje mora em Porto Alegre.

É de classe média, raça branca e religião espírita. Dedicase a auxiliar a sua família e a outras pessoas, frequentando um centro religioso do bairro. O autor mencionado (1987) afirma que a religião oferece meios honrados de encontrar objetivos elevados na velhice.

Lurdes frequentou somente o primeiro ano. Repetiu-o várias vezes sem nunca conseguir passar. Por isso, lê e escreve com muita dificuldade. Tentou aprender “um pouco mais”, como ela mesma comentou, com uma vizinha, mas logo desistiu.

Não trabalha fora de casa, porém, às vezes, faz chocolates e doces para vender. É bastante comunicativa, o que a favorece nas vendas, e tem bom convívio na comunidade onde mora. Foi muito afetiva com todos os integrantes do grupo do qual participou.

Qual o significado da vivência?

Lurdes expressou a oficina de educação estética com lápis de cor sobre um papel alcalino branco, tamanho A4. A imagem ocupa quase todo o espaço da folha. Uma moldura amarela nas bordas do papel pode tanto limitar quanto tentar valorizar o desenho, permitindo um envolvimento espontâneo com o processo vivenciado no espaço da oficina. Para Philippini, “a construção de um espaço de criação, de tranquilidade, de autonomia expressiva, possibilita uma introvisão muito salutar. Neste território sagrado, dedica-se tempo e atenção ao si mesmo, permitindo cicatrizar, regenerar, transformar e renascer” (2000, p. 70).



Texto iconográfico de Lurdes

A composição do texto iconográfico produzido por Lurdes estrutura-se no espaço bidimensional, com um movimento diagonal ascendente, assinalando, de acordo com a simbologia espacial, o final de um processo de maior clareza e a consciência da fatalidade da morte (ZIMMERMANN, 1992). Lembro-me da pintora Frida Kahlo quando escreve em seu diário sobre a iminência da sua

morte e a separação momentânea de Diego Rivera:

Jamais em toda a vida
esquecerei tua presença.
Acolheste-me destrozada
e me devolveste inteira.
Sobre esta pequena terra
onde hei de pôr o olhar?
Tão imenso, tão profundo!
Já não há tempo, já não há nada.
Distância. Há tão só realidade.
O que foi, foi para sempre!
(Le Clézio, 1996, p. 144)
[Tradução da autora].

Lurdes, como Frida, olha o que já passou; ao voltar seu rosto para a esquerda, pode estar visualizando também a sua realidade emocional, o seu interior, mas a encontramos sentada em frente a um computador. O simbolismo do espaço opõe-se à significação dada à imagem durante a leitura realizada pelo grupo, pois eles vêem Lurdes “com a mente aberta, olhando para o amanhã, não para o passado”. Talvez porque a figura feminina se encontra ante um aparelho sofisticado, o que, provavelmente, esteja significando “o futuro” para as pessoas integrantes do grupo, que são, em sua maioria, simples e de baixa renda. Seu tempo presente está longe ainda de ter acesso à alta tecnologia. A duras penas, alguns deles conseguem adquirir um eletrodoméstico, mas torna-se muito difícil e afastada da sua realidade a utilização da informática.

Neste texto iconográfico, deu muita ênfase ao branco tanto no fundo quanto no próprio computador, que aparece à esquerda da imagem, simbolizando a luz do conhecimento (ZIMMERMANN, 1992), quiçá indicando uma carência

não superada por Lurdes a respeito da sua ínfima escolaridade e poucas probabilidades de acompanhar os avanços tecnológicos. Há pouco tempo, ela tentou recomeçar seus estudos “para poder ler e escrever melhor, porque eu escrevo faltando letra”, mas logo abandonou a tarefa. De acordo com a simbologia das cores, o branco é pureza da luz eterna, espelho das operações de Deus. A sabedoria emana da onipotência divina. O saber pode tudo. Será?

Na linguagem das cores, a escolhida para a roupa da figura humana tem o significado da constância nos combates espirituais. Lurdes é uma mulher lutadora, que tem trabalhado muito ao longo da sua vida, auxiliando econômica e afetivamente toda sua família. Hoje, está mais dedicada ao desenvolvimento da sua dimensão espiritual. A salamandra e o jacinto são símbolos da fé triunfante sobre as paixões. A cor jacinto difere do roxo e da cor púrpura porque nela predomina o azul sobre o vermelho, simbolizando o ser cuja alma se abre aos raios do amor divino. O amarelo da moldura e do cinto desta figura pode estar expressando uma revelação sobre conhecimentos valiosos ou uma inteligência esclarecida (PORTAL, 1996).

O branco e o roxo correspondem, no sistema dos sete níveis áuricos, ao nível ketérico, produzindo conceitos muito elevados, e o amarelo, ao nível mental, produzindo pensamentos enquanto expressão da consciência. Quando elevamos a consciência ao sétimo nível mental ou ketérico, conhecemos a nossa identificação com o Criador. O terceiro nível mental compõe-se de substâncias

associadas a pensamentos e processos da mente. Esses conceitos estão fundamentados na compreensão do campo de energia humana (BRENNAN, 1998).

Lurdes destaca na figura desenhada o tamanho da cabeça. Como o cérebro está dentro da cabeça, ela pode simbolizar a inteligência, o signo, o resumo abstrato da pessoa e a expressão pela qual se cresce em idade e sabedoria. Para o primitivo, a cabeça é princípio de vida, força física e psíquica. O culto dos crânios seria a primeira manifestação religiosa do psiquismo humano. A veneração do símbolo cabeça é a mesma, seja na conservação piedosa dos restos dos antepassados, seja na conservação da caixa craniana, que representa a potência anulada dos inimigos (DURAND, 2001).

Os desenhos das crianças que se encontram na fase esquemática do desenvolvimento gráfico (anos iniciais) apresentam grandes cabeças. Esses desenhos podem simbolizar o eu-infantil. Dado que Lurdes frequentou somente um ano de escola, pode tratar-se aqui também de um auto-retrato. Considerando o que ela falou, parece uma constatação: “Quem sou eu? Sou uma pessoa que me descobri mais ainda, a partir desses trabalhos”. O fazer artístico pode ser tão produtivo como recurso educativo ou como alternativa terapêutica por tratar-se de uma atividade humana que se aproxima muito da conquista da imortalidade, pois

[...] a obra de arte pode resistir ao tempo e ao esquecimento. Evidentemente, não se trata de levar indivíduos a produzirem grandes obras de arte, mas de despertar o compromisso com a vida, ajudando a superar o medo da

morte, até porque muito do que se perdeu, pode ser revivido na Arte. E a experiência artística pode nos reconduzir ao re-enamorado pela vida e por suas inúmeras possibilidades (PHILIPPINI, 2000, p. 72).

A mulher da imagem está trabalhando, sentada à mesa de um computador. Lembra-me Julio Le Parc nos anos de juventude, enquanto trabalha no seu ateliê da rua Beautrellis, em Paris, como vemos na fotografia do seu arquivo pessoal.



Julio Le Parc no ateliê do Grav, rua Beautrellis, Paris, 1962 (JULIO..., 1999, p. 12)

Esse artista franco-argentino nasceu em 1928 e vive na capital francesa há mais de quarenta anos. Apesar de ser mais idoso que Lurdes, tem outra vivência e seu trabalho está integrado à geometria construtiva e cinética, pesquisando meios tecnológicos simples, próximos das artes visuais. São poucos os artistas com uma vida tão marcada pela sua ação estética e social como a dele. A totalidade de sua obra tenta integrar o espectador, dando-lhe um sentido não elitista e democrático (LEIRNER, 1999).

Para quem escuta a música da imaginação em tudo o que existe, como Campbell, não só das artes visuais pode se aproximar, como consegue encontrar relações também entre o computador e o mito. Transcrevo a seguir o seu diálogo com Bill Moyers, para melhor compreendê-lo: “Mas não é possível desenvolver, em relação ao computador, a mesma atitude do líder tribal, para quem todas as coisas falam de Deus? Caso não se trate de uma revelação especial, privilegiada, Deus, em sua faina, está em toda parte, inclusive no computador” (CAMPBELL e MOYERS, 1990, p. 20).

Adiante, o mitólogo responde:

Não dá para acreditar. É toda uma hierarquia de anjos... todos sobre as placas. E aqueles pequenos tubos -aquilo são milagres. Meu computador me proporcionou uma revelação sobre a mitologia. Você compra um determinado programa e ali está todo um conjunto de sinais que conduzem à realização do seu objetivo. Se você começa tateando com sinais que pertencem a outro sistema de programas, a coisa simplesmente não funciona. [...] É preciso entender que cada religião é uma espécie de programa com seu conjunto próprio de sinais, que funcionam (p. 21).

Sinais, signos e símbolos podem conduzir-nos aos mitos. O mito é uma narrativa, um modo da sociedade exprimir suas inquietações, uma possibilidade de refletir sobre a existência. Rocha (1994) define o mito, dentro da linha da antropologia social, como algo capaz de revelar o pensamento da sociedade e a sua concepção existencial. Eles estão presentes na arte, nos sonhos e, por que não, no computador, cujo significado pode estar também relacionado com os

meios de comunicação social. Qual será o estado de fruição que provocou em Lurdes imaginar-se sentada ante um computador? Que complexos estariam sendo elaborados ao identificar-se nesta cena? De que modo esse símbolo pode ter funcionado como transformador da sua interioridade? O mito do computador pode desdobrar-se em várias dimensões: a personificação animista, como objeto de adoração; a externa, como meio comunicacional; a interna, simbolizando o segredo, o ainda desconhecido e tantas outras interpretações como a imaginação permitir.

Considerações finais

No imaginário de Lurdes, o computador pode ter significado uma reciclagem interior. Ela disse que se sentiu “feliz e mais jovem”, como se apresentava no seu texto iconográfico. As atividades de interiorização propostas na oficina trouxeram à tona uma nova pessoa, capaz de aprender outros conteúdos, diferentes da escola, mas fundamentais para sua vida.

O autoconhecimento, no contato com as próprias habilidades, devolveu-lhe uma auto-imagem diferente e melhorada da que tinha no início dos encontros. A forma criada possibilita a compreensão da experiência cognitiva de si mesmo e fornece a capacidade de participar de uma tomada de consciência de ser conhecedor e conhecido. Isso se torna possível dado que a configuração surgida (imagem) é o reflexo de uma configuração interna do sujeito.

Por outro lado, fatores emocionais e afetivos podem interferir no desempenho cognitivo. Sabemos que a depressão pode provocar sérios prejuízos nas funções da atenção e da memória. O desempenho de atividades emocionalmente estabilizadoras como as atividades artísticas “[...] mobiliza os neurotransmissores serotonina e b-endorfina, também envolvidos na modulação de processos afetivos, contribuindo para uma maior estabilidade afetiva, com impacto positivo sobre diversas funções cognitivas, entre elas, atenção e memória” (ABREU e XAVIER, 2001, p. 16).

Eu percebi alguma mudança, vejo-a mais erguida e centrada em si mesma. Lurdes parecia estar sempre preocupada ou ocupada com os outros. Durante nossos encontros, mostrava-se feliz, embora quase desistisse da sua participação, pois, num dos encontros, uma de suas noras pediu-lhe para cuidar da neta, justamente nos dias em que havíamos programado a realização da oficina. Conversamos bastante e sugeri-lhe que continuasse porque, caso contrário, perderia essa única oportunidade, além de que faltavam poucas semanas para concluí-la. O grupo também a incentivou a continuar, o que ajudou-a a dizer não e dar-se um tempo para si mesma.

A educação estética não elimina as limitações inerentes ao envelhecimento, mas favorece o desenvolvimento da criatividade, da autocognição, e pode alterar a percepção do mundo, auxiliando no descobrimento de uma postura mais positiva diante da vida e despertando a vontade de buscar a felicidade pessoal.

Abstract

This paper talks about the group experience of an old woman of sixty-four years old who participated in an aesthetic education workshop in a communitarian center of Porto Alegre - RS. The main objective of the study was to show the transformations lived by the participants, in psycho-educative aspects, understanding the relations among the aesthetic experience and the development of personal and environmental process. The drawing that expresses the workshop meaning was read by the text singular images reading, bringing to light some symbolic and imaginaries elements. It was possible to watch that aesthetic education led the participant to develop creativity, self-knowledge and to change her world's perception.

Key words: aesthetic education, self-knowledge, imaginary, creativity.

Referências

- ABREU, V. P. X.; XAVIER, G. F. Memória e envelhecimento. *Insight*, v. XI, n. 118, p. 13-16, jun. 2001.
- BATESON, G. *Pasos hacia una ecología de la mente*. Buenos Aires: Lohlé, 1976.
- BRENNAN, B. A. *Mãos de luz: um guia para a cura através do campo de energia humana*. 15 ed. São Paulo: Pensamento, 1998.
- CAMPBELL, J.; MOYERS, B. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JULIO Le Parc no atelier do Grav, rua Beaulieu, Paris, 1962. 1 fot.: p&b; 7 x 8,5 cm. In: FBAVM. *II Bienal de Artes Visuais do Mercosul: Julio Le Parc: Arte e Tecnologia*. Porto Alegre: FBAVM, 1999. p. 12.

LE CLÉZIO, J. M. *Diego y Frida*. México: Diana, 1996.

LEIRNER, S. Julio Le Parc: quando a experiência torna-se forma. In: FBAVM. *II Bienal de Artes Visuais do Mercosul: Julio Le Parc: Arte e tecnologia*. Porto Alegre: FBAVM, 1999. p. 10-38.

MOSQUERA, J. J. *Vida adulta: personalidade e desenvolvimento*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 1987.

ORMEZZANO, G. *Imaginário e educação: entre o homo symbolicum e o homo estheticus*. Porto Alegre: PUCRS, 2001. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

PHILIPPINI, A. Reencontros e reencantos na terceira idade. *Arte Terapia: revista imagens da transformação*, n. 7, v. 7, p. 67-77, nov. 2000.

PORTAL, F. *El simbolismo de los colores: en la Antigüedad, la Edad Media y los tiempos modernos*. Palma de Mallorca: Sophia Perennis, 1996.

ZIMMERMANN, E. B. *Integração de processos interiores no desenvolvimento da personalidade*. 1992. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1992.

Endereço

Graciela Ormezzano
Rua Tomaz Gonzaga, 291
Vila Fátima - CEP 99020-170
- Passo Fundo - RS - Brasil
Fone: 54 327 1683
54 9982 3318
E-mail: gormezzano@upf.br